

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PEDAGOGIA - LICENCIATURA PLENA NOTURNO

Camile Machado de Oliveira

**GÊNERO E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: A EDUCAÇÃO INFANTIL
E OS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL NA PAUTA DO
GTT GÊNERO DO COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO
ESPORTE**

Santa Maria, RS
2024

Camile Machado de Oliveira

GÊNERO E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: A EDUCAÇÃO INFANTIL E OS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL NA PAUTA DO GTT GÊNERO DO COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia - Licenciatura Plena Noturno da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de **Pedagoga**.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Márcia Morschbacher

Santa Maria, RS
2024

Camile Machado de Oliveira

GÊNERO E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: A EDUCAÇÃO INFANTIL E OS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL NA PAUTA DO GTT GÊNERO DO COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Pedagogia Licenciatura Plena Noturno, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de **Pedagoga**.

Aprovado em 07 de fevereiro de 2024.

Márcia Morschbacher, Dra. (UFSM)
(Presidente/Orientadora)

Ariane Corrêa Pacheco, Dra. (UFSM)

Santa Maria, RS
2024

RESUMO

GÊNERO E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: A EDUCAÇÃO INFANTIL E OS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL NA PAUTA DO GTT GÊNERO DO COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE

AUTORA: Camile Machado de Oliveira
ORIENTADORA: Márcia Morschbacher

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) objetivou identificar as relações de gênero na educação física escolar dentro da Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, tratadas nas produções acadêmicas do Grupo de Trabalho Temático Gênero (GTT 07-Gênero) do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE). Para a construção do referencial teórico e metodológico utilizamos estudos de Altmann (2014; 2015), Freire (1967), Goellner (2013), Scott (1989), Miranda (2008), Gil (1991) e Gomes (2002). A metodologia desta pesquisa configura-se em uma pesquisa bibliográfica. Para a coleta de dados foi realizado um levantamento dos resumos presentes nos Anais do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (CONBRACE) no GTT Gênero, no período de 2015 a 2021, que tratassem do tema da pesquisa. Foram encontrados 6 trabalhos, os quais foram analisados a partir das categorias “Gênero/Identidade de gênero” e “Educação Física Escolar”. Identificou-se ao longo das edições do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte um aumento do número de trabalhos publicados e que o autor Jorge Dorfman Knijnik, a autora Judith Butler e a autora Guacira Lopes Louro foram os(as) autores(as) mais utilizados como referência. Na análise das categorias, foram encontradas as seguintes afirmações: a) a descrição da importância do respeito ao diferente, b) a importância do professor(a) estar atento(a) para não reforçar estereótipos hegemônicos; c) o professor(a) precisa ter uma perspectiva inclusiva; d) a importância de compreender o cenário histórico e atual sobre a estrutura de poder do masculino; e) a necessidade de se criar espaços de enfrentamento das desigualdades e; f) a demanda de se trabalhar a autoafirmação da criança e dos jovens sem o medo de se enunciar na sociedade. Conclui-se que os elementos analisados reafirmam a importância das discussões de gênero na Educação Física Escolar, sobretudo quanto à Educação Infantil e aos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Palavras-chave: Escola. Educação Física Escolar. Gênero. Educação Infantil. Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

ABSTRACT

GENDER AND PHYSICAL EDUCATION IN SCHOOL: CHILD EDUCATION AND FIRST YEARS OF ELEMENTARY SCHOOL IN THE AGENDA OF GTT GENDER OF THE BRASILIAN SCHOOL OF SPORT SCIENCE

AUTHOR: Camile Machado de Oliveira
ADVISOR: Márcia Morschbacher

This undergraduate thesis (TCC) aims to understand the relations of gender in the physical education in child education and in the beginning of elementary school discussed in the academic productions of the Study Group on Gender (GTT 07-Gender) from the Brazilian School of Sport Science (CBCE). To establish a theoretical background and methodology the following studies were used as reference Altmann (2014-2015), Freire (1967), Goellner (2013), Scott (1989), Miranda (2008), Gil (1991) e Gomes (2002). The methodology used in this research makes it a bibliographical review. The data gathered was compiled through the analysis of abstracts on the Book Of Abstracts from the Brazilian Congress of Sport Science (CONBRACE) on the GTT Gender between the years of 2015-2021 that were related to the theme of this study. Six of the analyzed papers were found to match the following categories "Gender/ Gender Identity" and "Physical Education In School". Was observed an increase of studies on this subject on the Brazilian Congress of Sport Sciences and the authors Dorfman Knijnik, Judith Butler and Guacira Lopes Louro were largely used as reference on the subject. By the analysis of the categories, the following affirmations were found: a) the description of the importance of respecting the different; b) the importance of the teacher being aware to not reinforce hegemonic stereotypes; c) the teacher needs a inclusive world view; d) the importance to understand the historical and current scenario for the structure of male power; e) the necessity of creating spaces for fighting against inequality and; f) the need to discuss the self-affirmation of child and teens without the fear exposing one self to society. We conclude that the analyzed themes makes evident the importance of gender discussion in the Physical Education of Schools, especially when child education and beginning of elementary school are concerned.

Key words: School. School Physical Education. Gender. Child Education. Beginning of Elementary School.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	6
2	EDUCAÇÃO FÍSICA E GÊNERO: NOTAS SOBRE POSSÍVEIS RUPTURAS E RESISTENTES CONTINUIDADES.....	13
3	ANÁLISE DAS PRODUÇÕES CIENTÍFICAS.....	18
3.1	PRIMEIRA ETAPA DE ANÁLISE: CARACTERÍSTICAS GERAIS DOS RESUMOS SELECIONADOS.....	18
3.2	SEGUNDA ETAPA DE ANÁLISE: AS CATEGORIAS GÊNERO/IDENTIDADE DE GÊNERO E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.....	20
3.2.1	Categoria gênero/identidade de gênero	21
3.2.2	Categoria Educação Física Escolar	23
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
	REFERÊNCIAS	29
	APÊNDICE A - QUADROS DE ANÁLISE DAS PRODUÇÕES CIENTÍFICAS - GTT 07- GÊNERO (2015-2021).....	34

1 INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso apresenta como temática as relações de gênero na Educação Física escolar¹.

Durante os anos de estudo no Curso de Pedagogia - Licenciatura Plena - Noturno da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), deparei-me com muitas oportunidades de aprendizagens, práticas e teóricas. Dentre elas, participei do Grupo de Estudos de Gênero entre os anos 2017 e 2019, coordenado pela professora Márcia Paixão. No decorrer dos estudos realizados no Grupo de Estudos de Gênero, fui ampliando e me interessando cada vez mais pela temática.

No momento em que frequentei a disciplina Educação Física e Movimento Humano² com a professora Aline Caramês (2018), tive maior entendimento de como as relações de gênero se fazem presentes no contexto escolar. No decorrer da disciplina, a professora Aline apresentou várias leituras sobre Educação Física escolar, mas dois textos específicos me proporcionaram um “insight”, pois foram ao encontro com os meus estudos realizados no Grupo de Estudos de Gênero.

Os textos apresentados e problematizados foram, o capítulo “A produção cultural do corpo” produzido pela autora Silvana Vilodre Goellner, integrante da obra “Corpo, gênero e sexualidade” (LOURO; FELIPE; GOELLNER, 2013). O segundo texto foi “Educação física, futebol e gênero: uma proposta de ensino a partir das relações de poder”, de autoria de Hudson Fabricius Peres Nunes, Thiago Farias de Fonseca Pimenta, Juliana Cesana e Alexandre Janotta Drigo (2014).

Goellner (2013, p. 30) expôs o pensamento sobre entender e ver o corpo como “algo produzido na e pela cultura”. Segundo a autora:

[...] Não é, portanto, algo a priori nem mesmo universal: corpo é provisório, mutável e mutante, suscetível a inúmeras intervenções consoante o desenvolvimento científico e tecnológico de cada cultura bem como leis, seus códigos morais, as representações que cria os corpos, os discursos que ele produz e reproduz. (GOELLNER, 2013, p. 30)

A partir dessa colocação fiz a ligação direta com os estudos realizados no Grupo de Estudos de Gênero, assim provocando maior interesse pela temática e

¹ A pesquisa faz referência a mulher e homem, menino e menina, feminino e masculino (perspectiva cisgênero normativa), mas não desconsidera as demais identidades de gênero (transgênero e não-binário).

² Disciplina obrigatória do currículo do curso de Pedagogia – Licenciatura Plena – Noturno da UFSM (currículo de 2007).

despertando para um novo campo de estudo dentro da Pedagogia, a “Educação Física Escolar”.

Dentro dos estudos realizados no Grupo de Estudos de Gênero, Patrícia Miranda (2008) afirma que gênero é uma identidade socialmente construída: somos ensinados que há coisas de homens e coisas de mulheres. Em nossa realidade, existe pessoas que podem se identificar com ambos os gêneros masculino e feminino ou com nenhum dos dois. Contudo, acabamos nos restringindo a um mundo binário, o ele e o ela. Segundo a autora:

Enquanto categoria social e construção social, o gênero refere-se aos papéis veiculados por uma sociedade, papéis que regem comportamentos predeterminados como sendo apropriados e característicos de homens e de mulheres. A diferença entre sexo e gênero poderá compreender-se melhor se pensarmos na distinção entre identidade sexual e identidade de gênero. Enquanto que a primeira incide sobre os traços genéticos diferenciados de cada sexo, a segunda está relacionada com uma identidade psicossocial que assenta nos valores, comportamentos e atitudes que a sociedade considera apropriados em função do sexo biológico, mas que também incide muitas vezes sobre o corpo, uma vez que mexe com as gestualidades e toda a simbologia presente nas várias formas de ver e mostrar o corpo. (MIRANDA, 2008, p. 3)

Refletindo sobre o aprendizado adquirido no Grupo de Estudos e o construído na disciplina de Educação Física e Movimento Humano, compreendi com maior nitidez o conceito de gênero como construção social. Considerando que a autora Patrícia Miranda e a autora Silvana Vilodre Goellner apresentaram o mesmo conceito, esse fato provocou-me maiores questionamentos sobre como essa temática é trabalhada nas diferentes realidades e infâncias.

O segundo texto “Educação física, futebol e gênero: uma proposta de ensino a partir das relações de poder” (NUNES et al., 2014) expôs um estudo com meninos e meninas de uma turma de 4º ano e uma turma de 5º ano de uma escola pública do estado de São Paulo com o objetivo de analisar e compreender como surgiam as divisões de atividades físicas preferidas pelos estudantes. O futebol apareceu como uma das atividades físicas preferidas dos meninos, no qual as meninas eram rejeitadas, pois eram vistas como fracas e sem habilidades. Outro questionamento que surgiu com a observação foi o fato de as meninas não refletirem sobre a situação e, assim, aceitarem a condição de não jogar. Dentro desse cenário, é possível observar a diferença de interesses entre os gêneros. Isso demonstra que há uma construção de pensamentos sociais que acabam por delimitar as tarefas/ações de meninos e meninas e, por consequência, surgem obstáculos que dificultam a

construção de uma pluralidade de sujeitos e, posteriormente, se não houver mediação de educadores, tende-se a reforçar uma sociedade com estereótipos e relações sociais autoritárias.

Nunes e colaboradores (2014) expõem a importância de se analisar o contexto para entender como as relações sociais são reproduzidas no ambiente escolar e como é fundamental pensar em práticas pedagógicas que possam unir os sujeitos. Com o entendimento desse texto, manifestou-se mais a minha vontade de ampliar o meu conhecimento sobre a Educação Física escolar, pois enxerguei a possibilidade de contribuir na formação de um educando(a) crítico(a) que interpreta seu mundo. Conforme os autores:

[...] as aulas de educação física escolar podem ser uma ferramenta para ressignificar os valores sociais, desbloquear a barreira histórica e cultural sobre o futebol e contribuir para uma sociedade mais tolerante e inclusiva. (NUNES et al., 2014, p. 6)

Realizei a conexão de Nunes e colaboradores (2014) com o texto “Gênero: uma categoria útil para análise histórica” da autora Joan Scott (1989), pois é necessário entender sobre o conceito de gênero para, posteriormente, se pensar na construção das relações de gênero. Scott (1989) apresenta uma reflexão sobre o conceito:

O gênero é igualmente utilizado para designar as relações sociais entre os sexos [...]. O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais” – a criação inteiramente social das idéias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. O gênero é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. (SCOTT, 1989, p. 7)

Ainda, na perspectiva da autora:

[...] o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder. As mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre à mudança nas representações de poder, mas a direção da mudança não segue necessariamente um sentido único. (SCOTT, 1989, p. 21)

Alinhando meu aprendizado universitário com o da minha profissão, na época em que fui auxiliar de desenvolvimento infantil em uma escola privada de Santa Maria/RS, percebi a dificuldade de educadores(as) frente a situações que envolvessem a reflexão e quebra de padrões relacionados à temática de gênero. Essas dificuldades ficavam mais visíveis no momento das práticas corporais e nas aulas de Educação Física. Em muitos momentos de atividades livres nas aulas de Educação Física, observei meninos jogando bola e meninas em atividades com

cordas, bambolês, fitas de ginástica e educadores(as) sem proporcionar práticas que provocassem uma mudança ou uma troca de atividade. Em muitas ocasiões, meninas ficavam sentadas na arquibancada e, quando chamadas pelos educadores(as) para realizar esportes de contato (futebol, basquete, handebol), participavam demonstrando desinteresse.

Segundo Helena Altmann (2014), a Educação Física possui uma história de separação de educandos e educandas nas aulas. A partir da década de 1990 essa situação começa a ser modificada. De acordo com a autora:

No que se referem às práticas corporais das mulheres, no período do século XX, elas apresentavam características bastante distintas às dos homens. Como lados opostos de uma mesma moeda, o discurso hegemônico do Estado circunscrevia a mulher ao eixo da reprodução, restringindo sua participação na vida social pública, inclusive nas escolas e instaurando uma pedagogia do corpo voltada ao desenvolvimento do ventre. Poucos exercícios lhes eram próprios, nenhum marcado por situações de enfrentamento. (ALTMANN, 2014, p. 3)

Altmann (2014) deixa exposto que a mulher recebia uma educação voltada para a vida doméstica, por isso, entendia-se que ela não possuía a necessidade de desenvolver habilidades intelectuais e de força física. Já a educação dos meninos era voltada para o fortalecimento físico e a virilidade. Por outro lado, a autora expressa que:

No entanto, a partir do conceito de gênero, é possível compreender que as diferenças entre homens e mulheres não são naturais, mas construídas social e historicamente, também no que se refere às suas habilidades corporais e esportivas. As experiências de meninos e meninas ao longo da sua infância e período de escolarização educam seus corpos, em muitos aspectos, de modos distintos. (ALTMANN, 2014, p. 2)

Com esse modelo de educação, reforçavam-se os estereótipos de mulheres frágeis e sem intelecto. E é exatamente esse modelo que a Educação Física escolar pode contribuir para desconstruir, pois nas aulas o (a) educando(a) pode ser colocado em situações fora dos padrões vivenciados hegemonicamente, proporcionando, assim, momentos de desconstrução e ressignificando entendimentos sobre o corpo e as relações de gênero no esporte e nas demais práticas corporais.

Dentro desse cenário, realizei a articulação das leituras realizadas no Grupo de Estudo sobre Gênero e as da Disciplina de Educação Física e Movimento Humano e ampliei meu conhecimento sobre a Educação Física escolar e as relações de gênero - fato que desencadeou o interesse por investigar esse tema.

Posteriormente, soube da existência do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), criado em 1978. Tendo como referência o seu site, o CBCE:

é uma entidade científica que congrega pesquisadores/as ligados/as à área de Educação Física/Ciências do Esporte. Organizado em Secretarias Estaduais e Grupos de Trabalhos Temáticos, liderados por uma Direção Nacional, o CBCE possui representações em vários órgãos governamentais. Afiliado à Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), o CBCE está presente nas principais discussões relacionadas à área de conhecimento (COLÉGIO..., 2023a).

O CBCE é organizado em Secretarias Estaduais e Grupos de Trabalho Temático (GTT). Dentro desses grupos de trabalho, conheci o Grupo de Trabalho Temático Gênero, que contribuiu diretamente em minhas pesquisas e logo foi o escolhido para ampliar e aprofundar o meu conhecimento sobre a Educação Física escolar e as relações de gênero. O Grupo de Trabalho Temático Gênero abrange:

Estudos sobre os processos sociais, culturais e históricos por meio dos quais as práticas corporais constituem e são constituintes do gênero, a partir de diferentes referenciais teórico-metodológicos, que atravessam a Educação Física e as Ciências do Esporte. (COLÉGIO..., 2023b).

O CBCE possui seu próprio evento, o Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (CONBRACE), o qual apresenta suas produções científicas:

O seu evento científico nacional, o Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (Conbrace), realizado a cada dois anos, está entre os principais do país. Além disso, são realizados periodicamente congressos estaduais e ou regionais, bem como encontros dos Grupos de Trabalho Temáticos, sempre de relevada importância e contando com ampla participação da comunidade acadêmica (COLÉGIO..., 2023a).

O GTT Gênero foi criado em 2013 em Brasília/DF e participou, pela primeira vez, no XIX CONBRACE de 2015, realizado em Vitória/ES (WENETZ; MARTINS; LAURINDO, 2021). Tendo em conta essas questões, o objetivo geral da pesquisa é analisar a produção científica sobre gênero e Educação Física Escolar na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental publicada no GTT Gênero nos anais do CONBRACE no período de 2015 a 2021. Os objetivos específicos são: 1) identificar as características gerais da produção científica do GTT Gênero no CONBRACE (2015-2021) considerando a quantidade de trabalhos, os (s) autores(as) mais citados(as), os objetivos, o público-alvo e tipos de pesquisa; b) compreender a conceituação de gênero presente nas produções científicas selecionadas; c) compreender como as produções científicas selecionadas abordam as relações de gênero na Educação Física Escolar no segmento da Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Para alcançar os objetivos, a metodologia escolhida foi a pesquisa bibliográfica que, segundo Gil (1991, p. 48):

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas.

Com o surgimento das inquietações pedagógicas, iniciei o levantamento da produção científica selecionando as publicações presentes nos anais do Grupo de Trabalho Temático Gênero (GTT- Gênero) do CONBRACE no período de 2015 a 2021³, disponíveis de forma on-line. No primeiro momento, a seleção teve como foco produções que possuíssem as palavras chaves gênero, educação física e escola. Após realizar esse primeiro levantamento, a partir da leitura do resumo, foquei em identificar o público-alvo das produções, com o objetivo de constatar quais englobavam à docência em Pedagogia. No caso, selecionei os resumos que possuíam como público-alvo os (as) professores(as) da Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Conseqüentemente, as produções que possuíam como público-alvo crianças da faixa etária correspondente a essas etapas de ensino também foram escolhidas. Desse modo, foram selecionadas 6 produções com a temática entre os anos 2015 até 2021 (conforme Apêndice A).

As produções científicas selecionadas se encontram no site do CBCE, mais especificamente nos anais de cada edição do CONBRACE, disponíveis em formato de resumo simples e expandido. Estas foram organizadas na estrutura do seguinte quadro a partir da leitura dos textos na íntegra, com a finalidade de organizar o processo de análise:

Quadro 1 – Sistematização dos elementos dos textos

Título	
Autores/as	
Edição do evento	
Ano	
Palavra-chave	
Formato (resumo simples ou expandido)	
Objetivo	
Metodologia	
Público-alvo	

³ O período estabelecido tem relação com o ano de criação do GTT Gênero e a primeira edição do CONBRACE em que este esteve ativo.

Gênero/identidade de gênero	
Educação Física Escolar	
Considerações finais	

Fonte: Elaboração própria.

O processo de análise foi organizado contemplando dois momentos e/ou conjuntos de informações, conforme o Quadro 1: a) informações relativas ao título, autores/as, ano de publicação, edição do evento em que foi apresentado, formato e aspectos metodológicos (palavras-chave, objetivos, metodologia e considerações finais) e; b) informações relativas à concepção de gênero e/ou identidade de gênero e à Educação Física escolar (concepção, objetivos atribuídos, proposições para a prática educativa).

O presente Trabalho de Conclusão de Curso encontra-se organizado nas seguintes seções: a primeira intitulada “Educação física e gênero”, que visa contextualizar historicamente o início e o progresso dos estudos sobre gênero, bem como a influência e importância desse conceito na Educação Física escolar. A segunda, “Abordagem da Pesquisa: Análise das Produções”, busca sistematizar o levantamento da produção científica apresentada no CONBRACE, tendo como referência o Grupo de Trabalho Temático Gênero entre os anos 2015-2021, apresentando quais foram os elementos utilizados na organização e análise do material. Por fim, as “Considerações finais”, buscando expressar uma síntese sobre o objetivo desta pesquisa.

2 EDUCAÇÃO FÍSICA E GÊNERO: NOTAS SOBRE POSSÍVEIS RUPTURAS E RESISTENTES CONTINUIDADES

Somos seres sociais que buscam a aceitação dentro dos grupos que possuímos identificações. Somos atraídos por determinadas pessoas com as quais desenvolvemos nossos pensamentos sobre nossa realidade. Nos encontramos em um estado de descoberta constante, pois a formação de valores, ideias e identidades estão sempre em movimento. Segundo Miranda (2008, p. 4):

O processo de categorização inscrito no processo social de construção das identidades constitui-se pois, em muito boa parte, pela diferenciação entre os grupos de pertença, mas também pela integração, sendo estes processos simultâneos de diferenciação/integração manifestados por práticas de aproximação e distanciamento relativamente às situações sociais de referência.

A escola é um espaço de esclarecimento, no qual encontramos a diversidade da sociedade. Nesse espaço, com a orientação e mediação dos (as) professores (as), podemos construir práticas pedagógicas que respeitem, valorizem e garantam o direito de fazer e ser. Segundo Freire (1967, p. 15): “A educação como prática da liberdade, é um ato de conhecimento, uma aproximação crítica da realidade”, portanto, é na educação que encontramos e produzimos esclarecimentos e reflexões sobre a estrutura social na qual estamos inseridos. Miranda (2008) afirma que, reconhecendo a identidade do sujeito enquanto representação social, destaca-se a articulação entre a origem coletiva da identidade e a sua manifestação individual.

Nas aulas de Educação Física, as construções sociais ficam em maior evidência, pois colocamos o nosso corpo em destaque. Segundo Altmann (2015, p. 20):

Na escola, a educação física é uma disciplina com características práticas, que predominantemente trabalha seus conhecimentos por meio do corpo, da aprendizagem dos gestos e das dinâmicas dos jogos ou demais conteúdos. Porém, não só os corpos estão em movimento durante as aulas de educação física. Também estão em movimento os conhecimentos cujo acesso deve ser garantido a todos os estudantes [...] Também estão em movimento as relações de gênero, que se reconfiguram ao longo do tempo ou a partir de ações específicas.

A liberdade do corpo e o direito de ter acesso ao conhecimento nas aulas de Educação Física sofre mudanças importantes no Brasil na década de 1990, pois nesse período se ampliam os estudos sobre gênero. Ocorreram também mudanças na legislação e práticas dentro das aulas de Educação Física, como o fim da

segregação de meninos e meninas que predominou ao longo do século XX Conforme Altmann (2015, p. 21):

A mudança na organização das aulas de educação física coincidiu com o surgimento dos estudos de gênero no Brasil. Se, antes, uma única turma precisava de dois professores, geralmente uma para meninos e outro para meninas, agora apenas um (a) seria o suficiente. Gênero foi uma ferramenta importante para os debates e as intervenções em torno dessa questão.

Um marco que oportunizou a expansão do termo gênero na década 1990, foi a tradução para o português do texto “Gênero: uma categoria útil de análise histórica” da autora Joan Scott (ALTMANN, 2015). Com o acesso aos estudos, o termo gênero começa a ser mostrar como um elemento que interfere diretamente nas relações de poder. Nessa perspectiva,

[...] gênero deixou de ser apenas uma categoria de análise para se tornar um importante e reconhecido campo de conhecimento nas ciências humanas e sociais: eventos acadêmicos na área são organizados, grupos de pesquisas ligados a gênero e educação ou a gênero e educação física são compostos; grupos temáticos se formam dentro de eventos mais amplos; a produção de conhecimento na área se intensifica (ALTMANN, 2015, p. 21)

Na Educação Física, pesquisas que adotaram explicitamente a categoria gênero nas suas análises surgem ganhando espaço também na década de 1990 (ALTMANN, 2015). A tese de doutorado de Eustáquia Salvadora de Sousa (1994) intitulada “Meninos, à marcha! Meninas, à sombra! A história da educação física em Belo Horizonte (1897-1994)”, foi um marco nos estudos sobre gênero e Educação Física (ALTMANN, 2015). O estudo possibilitou maior entendimento sobre como os estudos de gênero estão conectados à Educação Física e à educação. A temática da tese foi a história do ensino da Educação Física, em Belo Horizonte entre os anos de 1897 e 1994. Para a realização do estudo, Sousa (1994) considerou os contextos mineiro e brasileiro e teve como categoria central de análise as relações de gênero.

Sousa (1994) afirma que gênero é uma categoria relacional e histórica, e que o feminino e o masculino se transformam social e historicamente. Existem diferentes construções de gênero dentro da mesma sociedade, pois essas dependem do modelo, ideias e imagem de homem e mulher as quais as classes sociais, religiões e etnias têm como referência. Segundo Scott (1990 apud SOUSA, 1994):

[...] a compreensão mais profunda do gênero implica na inter-relação de quatro elementos. O primeiro refere-se aos símbolos culturais disponíveis, símbolos esses que, frequentemente, evocam múltiplas representações, até mesmo contraditórias. O segundo refere-se aos conceitos normativos que interpretam esses símbolos - usualmente expressos nas doutrinas religiosas, educacionais, científicas, políticas e jurídicas - que apresentam em oposições dualistas, categorizando o masculino e o feminino. O terceiro elemento das

relações de gênero é constituído pelas organizações e instituições sociais, não se podendo o uso do gênero ao sistema de parentesco, pois ele é também construído na economia e na organização política. E finalmente, como quarto elemento, Joan Scott aponta a identidade subjetiva, cuja análise não pode se limitar às teorias psicanalíticas, sob pena de negar a historicidade do gênero. (SCOTT, 1990 apud SOUSA, 1994, p. 13)

Dessa afirmação podemos concluir que gênero é relacional, enquanto categoria analítica, enquanto processo social, compreender as relações sociais possibilita o pensar sobre as relações de gênero (SOUSA, 1994). A necessidade e o “dever”, socialmente construído e hegemonicamente imposto, de nos identificarmos como homem ou mulher provoca uma delimitação em nossas identidades e atividades sociais. Nesse sentido:

Ao nascerem, os sujeitos já trazem determinadas características biofisiológicas que os predispõem a viverem como homens e mulheres, mas todo um conjunto de outros determinantes - sociais, psicológicos, culturais - pode conduzi-los a construírem em oposição ou consonância com as características biológicas. (SOUSA, 1994, p. 15)

Quanto à Educação Física escolar, Sousa e Altmann (1999) situam que:

Como a ideia de gênero está fundada nas diferenças biológicas entre os sexos, ela aponta para o caráter implicitamente relacional do feminino e do masculino. Assim, gênero é uma categoria relacional porque leva em conta o outro sexo, em presença ou ausência. Além disso, relaciona-se com outras categorias, pois não somos vistos(as) de acordo apenas com nosso sexo ou com o que a cultura fez dele, mas de uma maneira muito mais ampla: somos classificados(as) de acordo com nossa idade, raça, etnia, classe social, altura e peso corporal, habilidades motoras, dentre muitas outras. Isso ocorre nos diversos espaços sociais, incluindo a escola e as aulas de educação física, sejam ministradas para turmas do mesmo sexo ou não. Os sistemas escolares modernos não apenas refletem a ideologia sexual dominante da sociedade, mas produzem ativamente uma cadeia de masculinidades e feminilidades heterossexuais diferenciadas e hierarquicamente ordenadas (SOUSA; ALTMANN, 1999, p. 55)

Por outro lado, a Educação Física escolar pode proporcionar um espaço de tensionamento das compreensões e ações hegemônicas da socialização desigual de meninos e meninas. As diferenças e desigualdades se apresentam nas aulas de Educação Física, segundo Altman (2015 p. 29-30):

A vivência do esporte e a educação do corpo que a precede e lhe é concomitante têm início na infância e ocorrem de modo significativamente distinto entre meninos e meninas brasileiros. Os incentivos e os campos de possibilidades oferecidos a eles são mais amplos e adequados às exigências esportivas quando comparados aos que se disponibilizam as meninas. Se

tais desigualdades são produzidas em ações educativas voltadas aos esportes, também o são em muitas outras dimensões da vida social.⁴

Gênero é um marcador social de diferenças nas aulas de Educação Física, assim como o corpo e as relações de gênero estão presentes e são produzidas dentro dos currículos escolares (ALTMANN, 2015, p. 24). A aula de Educação Física é um espaço privilegiado para identificar, vivenciar e ressignificar as relações de gênero, mas também pode reforçar a hegemonia no esporte e práticas corporais.

[...] talvez pelo fato de permitir uma evidente liberdade aos corpos, é constantemente incitada a problematizar os conhecimentos sobre a constituição física e estética corporal, as adequações sexo-gênero dentro do contexto das atividades corporais... (GOELLNER; FIGUEIRA; JAEGER, 2008 apud SILVA et al, 2015).

Em nossa sociedade as meninas são ensinadas a sempre estarem belas, bem arrumadas, contidas e são vistas como mais fracas que os meninos. A sociedade coloca características referentes a cada gênero e apresenta o homem no topo da hierarquia social, e isso afeta a prática esportiva. Existe o desafio de compreender que a beleza padrão imposta pela sociedade não garante eficiência na prática esportiva. A aula de Educação Física, para desarticular e refletir sobre a hegemonia social/esporte, precisa trabalhar a igualdade de gênero. Investir na educação corporal e esportiva das meninas é essencial (ALTMANN, 2015). A vontade de fazer parte de um esporte de forma bem-sucedida depende da valorização, da aprendizagem do gesto, da técnica, do movimento, entre outros elementos (ALTMANN, 2015).

A Educação Física pode gerar mudanças nos sujeitos, mostrando que a estrutura social refletida nas aulas pode ser desconstruída e que mulheres cada vez mais ganham espaços de fala e representação. Esse fato já havia sido identificado por Sousa (1994):

A ação pedagógica da Educação Física, contribuindo para a coisificação do corpo, participa da construção social dos sujeitos masculinos e femininos e da castração do sentido de totalidade corpo dos sujeitos - homens e mulheres. A história construída, ao mesmo tempo em que mostra sinais de perpetuação das relações de gênero hierarquizadas, com dominação masculina, revela, também, lentas mudanças, nessas mesmas relações, e, ainda, as resistências por elas geradas. (SOUSA, 1994, n. p.)

A importância de se problematizar e promover o espaço de igualdade de gênero durante as práticas das aulas de Educação Física possibilita o entender que:

⁴ Apesar do debate iniciado na década de 1990 sobre gênero, das mudanças na organização das aulas (que passam a ser mistas), da ampliação dos conteúdos de ensino, a Educação Física ainda segue reproduzindo estereótipos e desigualdades pela hegemonia do esporte de alto rendimento como conteúdo.

A conquista de espaço nos esportes feita por mulheres ocorre por meio do corpo e das suas habilidades e não pela beleza ou erotização, como tem sido, por vezes, explorando e constrangido o corpo da mulher. O que efetivamente se sobressai nos esportes é um corpo forte, hábil, resistente, eficiente- enfim um corpo de atleta. (ALTMANN, 2015, p. 41)

A aulas de Educação Física são o espaço para ocorrer a aprendizagem de educação do corpo. Receber o sujeito, acolher suas vivências, suas construções de educação esportiva, é preciso. A partir desses elementos desconstruir conceitos e mostrar que meninos e meninas podem praticar esportes de maneira eficiente, não tendo relação com o gênero e sim pela habilidade desenvolvida – e isso demanda a igualdade de oportunidades de acesso e de experiências nas diversas práticas corporais e nos respectivos conhecimentos que compõem o acervo de conteúdos da Educação Física escolar, em um processo a ser permeado pelo tensionamento entre o hegemônico e o contra hegemônico na construção de relações de gênero permeadas pela diversidade.

3 ANÁLISE DAS PRODUÇÕES CIENTÍFICAS

Nesta seção, será desenvolvida a análise dos resumos selecionados (conforme Apêndice A). Para realizar o processo de análise das informações dessas publicações, utilizou-se a técnica de análise de conteúdo, tendo em conta categorias de análise. Sobre essa técnica, segundo Gomes (2002, p. 70):

A palavra categoria, em geral, se refere a um conceito que abrange elementos ou aspectos com características comuns ou que se relacionam entre si. [...] As categorias são empregadas para estabelecer classificações. Nesse sentido, trabalhar com elas significa agrupar elementos, ideias ou expressões em torno de um conceito capaz de abranger tudo isso.

As categorias de análise utilizadas neste trabalho, definidas a partir da leitura das publicações selecionadas na íntegra, incluem: a) o conceito de gênero e/ou identidade de gênero e b) Educação Física Escolar.

A explanação do processo de análise está organizada em duas etapas. A primeira consiste na apresentação das características gerais da produção científica selecionada, e a segunda, nas principais constatações sobre as categorias de análise.

3.1 PRIMEIRA ETAPA DE ANÁLISE: CARACTERÍSTICAS GERAIS DOS RESUMOS SELECIONADOS

Ao analisarmos os resumos, observamos que entre os anos de 2015 e 2021, o maior número de publicações no GTT-Gênero no CONBRACE sobre o tema abordado nesta pesquisa ocorreu no ano de 2021, com 3 resumos. Observamos, ainda, que o tema não teve publicações em 2015. O quadro a seguir (Quadro 2) apresenta de modo geral a quantidade de publicações localizadas em cada ano.

Quadro 2 – Número de publicações no GTT Gênero por edição do evento (2015 a 2021)

Edição e ano do evento	Total de trabalhos publicados	Resumos selecionados	Porcentual
19º CONBRACE - 2015	30	-	-
20º CONBRACE - 2017	38	1	2,6%
21º CONBRACE - 2019	55	2	3,6%
22º CONBRACE - 2021	57	3	5,2%

Fonte: Elaboração própria.

Observando-se o quadro 2 quanto ao número das publicações dos resumos, constatamos que no ano de criação do GTT - Gênero (2015) o tema deste estudo não foi abordado e que, posteriormente, a produção foi aumentando. É possível se atribuir esse fato ao ano de criação do GTT-Gênero, que ocorreu em 2013, e ao fato de que o ano de 2015 foi o primeiro em que o mesmo esteve ativo no CONBRACE, ou seja, recebendo a submissão de trabalhos.

De modo geral, identificamos uma baixa quantidade de resumos ligados à temática de nossa pesquisa, ainda que se identifique uma evolução ao longo das edições do CONBRACE. Tal fato coloca a necessidade de ampliação de publicações sobre o tema no interior do CONBRACE. Por outro lado, levantamos a hipótese de que os(as) autores(as) podem estar procurando outros GTT´s para a difusão de suas produções sobre o tema, tal como o GTT Escola e o GTT Corpo e Cultura.

Os resumos selecionados contabilizam um total de 6 produções, em que, dessas, 3 são no formato de resumo simples e 3 no formato de resumo expandido. No evento de 2017 aparece a primeira produção com o tema no formato de resumo simples. Em 2019, há a produção de 1 resumo simples e 1 expandido. Em 2021 ocorre a produção de 1 resumo simples e 2 expandidos, o que aponta uma evolução nos estudos sobre a temática.

Os principais temas identificados nessas produções foram: a) como se apresentam as relações de gênero na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental nas aulas de Educação Física; b) como os(as) professores(as) desenvolvem as questões de gênero nas aulas de Educação Física na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental e; c) como a presença masculina como docente regente interfere nas aulas de Educação Física na Educação Infantil.

Nos resumos selecionados, com relação aos(às) autores(as) que mais foram referenciados, identifiquemos o autor Jorge Dorfman Knijnik, a autora Judith Butler e a autora Guacira Lopes Louro. O quadro a seguir apresenta os autores mais citados e o número de resumo no qual ocorre a referência.

Quadro 3 – Autores(as) mais referidos

Autores	Número de Resumos
Jorge Dorfman Knijnik	2
Judith Butler	2
Guacira Lopes Louro	2

Fonte: Elaboração própria.

Além da repetição da referência a esse autor e a essas autoras, identificamos como principais metodologias utilizadas para a produção dos trabalhos o relato de experiência, a observação participante e a entrevista/questionário. Os sujeitos envolvidos nos estudos foram crianças da Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e professores(as) de Educação Física atuantes nesses segmentos da Educação Básica.

Com relação aos objetivos encontrados nos resumos o que se sobressai é a identificação das relações de gênero reproduzidas e construídas nas aulas de Educação Física. Identificamos a preocupação dos(as) autores(as) em conceituar gênero e desconstruir padrões que a sociedade impõe sobre o que é ser feminino e masculino. Essa questão converge com o fato de que, ao estudar gênero, entendemos o mesmo como uma construção social que diferencia sujeitos como homem e mulher e que é construída e reproduzida. É claro que haverá reflexos dessa cultura na educação e, logo, nas aulas de Educação Física. Nesse sentido, o estudo de como essas relações são construídas e reproduzidas (ou ressignificadas) desde o contexto das primeiras etapas de escolarização é de grande importância.

A partir desse ponto, iniciamos a segunda etapa de análise, pois nela serão analisadas as categorias Gênero/Identidade de gênero e Educação Física escolar, considerando o que os resumos selecionados apresentam como conceituação para essas categorias e como compreendo as definições apresentadas nas produções.

3.2 SEGUNDA ETAPA DE ANÁLISE: AS CATEGORIAS GÊNERO/IDENTIDADE DE GÊNERO E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Esta seção será dividida em duas partes: a primeira irá relatar a análise da categoria Gênero/Identidade de gênero, considerando quais as definições que os resumos selecionados apresentam; o que é possível identificar de concordância entre as produções e o que posso concluir a partir delas. A segunda parte da análise será destinada à categoria Educação Física Escolar, tendo em conta como se percebe as relações de gênero nas aulas de Educação Física na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental; como o(a) professor(a) desenvolve suas práticas pedagógicas para desconstruir estereótipos hegemônicos; como se oportuniza um

espaço de igualdade e liberdade dos corpos. Considerando o desenvolvimento destas categorias será possível entender os limites e possibilidades do tema deste trabalho e das produções científicas apresentadas no GTT Gênero nas edições do CONBRACE no período de 2015 a 2021.

3.2.1 Categoria gênero/identidade de gênero

Analisando os resumos selecionados, na categoria de análise Gênero/Identidade de gênero, identificamos nas produções de forma unânime que ao se estudar gênero/identidade de gênero deve-se entender o mesmo como uma construção social.

Nossas crianças e jovens, no momento que são inseridas na escola, trazem a bagagem de entendimento do que é ser mulher e homem, pois a família, instituições religiosas e outras vivências determinam o que corresponde a cada gênero/identidade de gênero. Além disso, a sociedade e as instituições (família, instituições religiosas, mídia, etc.) são importantes no processo de limitar os corpos, as expressões e movimentos com base em estereótipos de diferentes ordens – entre elas, as de gênero. Existe uma criação de normas que controlam os comportamentos dessa dualidade de feminino e masculino. Essa afirmação pode ser destacada a partir das autoras Scott (1995 apud BAHIANA et al, 2019, p. 1) e Butler (2003 apud BAHIANA et al, 2019, p. 1):

Entendendo o termo gênero como a construção social, cultural e histórica das diferenças sexuais entre homens e mulheres (SCOTT, 1995), ou pensando ainda que “[...] o gênero é uma identidade tenuamente constituída no tempo, instituído num espaço externo por meio de uma repetição estilizada de atos” (BUTLER, 2003).

As 6 produções analisadas ressaltam, a importância de existir o diálogo sobre o conceito de gênero/identidade de gênero na escola e nas aulas de Educação Física. Mediante a intervenção pedagógica, do ensino adequado, é possível proporcionar às crianças e jovens a reflexão sobre a importância do entendimento a respeito do conceito de gênero/identidade de gênero. O que poderá levar a aulas mais igualitárias e que desconstruam a naturalização dos papéis do feminino e do masculino, compreendendo o porquê do lugar de poder do masculino e mostrar que meninas não são obrigadas a serem delicadas, belas, dóceis e/ou submissas. Na perspectiva de

entender o cenário, Silva *et al.* (2019, p. 22), citando Louro (2008 apud SILVA *et al.* 2019) afirmam que:

Louro (2008) considera que, essas atitudes são reflexo de um processo de aculturação; visto que, “(...) a diferença não é natural, mas sim naturalizada. A diferença é produzida através de processos discursivos e culturais. A diferença é ensinada” (LOURO, 2008 apud SILVA *et al.*, 2019, p. 22).

A desconstrução de pensamentos limitados se faz necessária. É preciso se colocar nesse lugar de ressignificação em todos os momentos, não reforçar práticas pedagógicas sexistas, como descrevem Bahiana *et al.* (2019):

Existem muitas outras práticas pedagógicas que reforçam esses padrões de gênero, como por exemplo, caixas de brinquedos de meninos e brinquedos de meninas, as tradicionais chamadinhas com os nomes das meninas da cor rosa e dos meninos de cor azul, jogos e brincadeiras onde as meninas competem contra os meninos ou muitas vezes, as meninas deixam de participar (BAHIANA *et al.*, 2019, p. 3).

Reforçar essas práticas não oportuniza a valorização da diversidade que existe na sociedade. Enfatizando a construção social dos papéis da mulher e do homem na sociedade, um dos resumos apresenta o fato da existente dominância feminina no setor da educação, o que, segundo Louro (1998 apud MATOS; MARTINS, 2021, p. 4): “[...] explica que a predominância feminina na educação guarda relação direta com a divisão dos papéis sociais e sexual entre homens e mulheres no mundo do trabalho”. Matos e Martins (2021) deixam evidente que a presença masculina na docência da Educação Infantil precisa ganhar espaço e que o diálogo sobre as questões de gênero que foquem na docência masculina da Educação Física na Educação Infantil precisa avançar e estar presente na graduação e na pós-graduação.

Relacionando as 6 produções conseguimos concluir que em todas encontramos as seguintes afirmações: a) a descrição da importância do respeito ao diferente, b) a importância do professor(a) estar atento(a) para não reforçar estereótipos hegemônicos; c) o professor(a) precisa ter uma perspectiva inclusiva; d) a importância de compreender o cenário histórico e atual sobre a estrutura de poder do masculino; e) a necessidade de se criar espaços de enfrentamento das desigualdades e; f) a demanda de se trabalhar a autoafirmação da criança e dos jovens sem o medo de se enunciar na sociedade.

Com estas constatações, concluímos a conceituação dessa categoria Gênero/Identidade de Gênero apresentada nos resumos selecionados. Tendo como referência essas constatações, percebemos que foi ao encontro com o meu entendimento sobre o conceito. A citação da autora Joan Scott em 2 dos resumos,

nos proporcionou a ampliação do conhecimento, pois utilizamos a mesma em nossa escrita para conceituar Gênero. Nessa perspectiva, concordamos com a definição de Gênero como uma construção social. É necessário que haja um olhar para entender como ocorre a construção das identidades dos sujeitos. Pensar no processo de construção das identificações com o feminino e o masculino é necessário, para que, assim, entendamos como os sujeitos se apropriam ou não desses elementos e como se posicionam dentro da sociedade na qual a figura de poder se estrutura no masculino cis normativo.

Prosseguimos agora para a apresentação da segunda categoria – Educação Física Escolar, buscamos identificar nos trabalhos analisados como essa disciplina desenvolve, trabalha, reflete e contribui para ampliar igualdades e desconstruir estereótipos.

3.2.2 Categoria Educação Física Escolar

Tendo em conta a categoria de análise Educação Física Escolar, identifiquemos que em 5 produções (CORREIA; CORRÊA; RUFFONI, 2017; SILVA et al., 2019; BAHIANA et al., 2019; NOVAIS et al., 2021; ASSIS, 2021) das selecionadas, há a descrição sobre a necessidade de proporcionar experiências de respeito às diferenças nas aulas de Educação Física e o reconhecimento da potencialidade da área em desenvolver práticas pedagógicas nessa direção.

O(a) professor(a) precisa desenvolver durante as aulas práticas pedagógicas inclusivas, que proporcionem a igualdade de oportunidades entre os gêneros. Nessa perspectiva:

É importante ressaltar que, para que o objetivo de participação efetiva de todos e todas seja alcançado, além da igualdade de oportunidades, é necessário pensar uma educação que privilegie a liberdade dos corpos, para que possamos refletir que muito mais do que conhecer ou aceitar, é necessário o respeito, a valorização e o entendimento de que a diferença é a própria riqueza da sociedade. (BAHIANA et al, 2019, p. 4)

Para que ocorra uma aula de Educação Física com oportunidades iguais e respeito, o (a) professor(a) precisa ter o conhecimento sobre o conceito de gênero/ identidade de gênero. Em 1 dos resumos no qual a temática é sobre a docência masculina na Educação Infantil, os autores nos mostram que entre os entrevistados há um número significativo de professores, que não tiveram acesso ao conhecimento

sobre o conceito. Para suprir essa falta de conhecimento identificamos as seguintes afirmações: a) a necessidade de buscar a formação continuada; b) os entrevistados confiam na sua vivência mediante o convívio com as crianças e c) baseiam-se no fato da paternidade (MATOS; MARTINS, 2021).

Quanto à afirmação “a” manifestamos acordo, pois, a formação continuada se faz necessária no campo de trabalho do(a) professor(a). Mas, a afirmação “b” e “c” causam preocupação, pois se baseiam em um senso comum. Trabalhar a temática de gênero nas aulas é um desafio, pois o(a) professor(a) não é um ser à parte das construções sociais do feminino e do masculino, marcadas, no quadro do senso comum, em geral, pelas construções hegemônicas de gênero – o que significa que, possuímos nossas construções conceituais sobre o conceito de gênero/identidade de gênero. Sabemos que as práticas pedagógicas influenciam diretamente na formação das crianças e jovens. Desse modo, caso um desses profissionais que confiam na afirmação “b” e “c” concorde com aulas de Educação Física com divisão de gênero, em vez de aulas coeducativas, haverá o reforço de estereótipos sociais. Quanto às aulas divididas por gênero:

[...] pensando especificamente nas aulas de Educação Física, não é raro encontrar práticas pedagógicas que fazem divisões por gênero, que influenciam as crianças (mesmo que inconscientemente) a terem atitudes competitivas, e aulas pensadas a partir de abordagens de cunho tecnicista. Isso ainda se dá pelo histórico excludente da Educação Física, que pelos métodos militarista, eugenista e higienista, contribuiu para que fosse reforçado o binarismo e as separações por gênero. (BAHIANA et al., 2019, p. 2)

As afirmações “b” e “c” dão abertura para aceitar uma estrutura social, na qual existe um machismo estrutural e a aceitação da heteronormatividade como o “padrão” a se seguir. Acreditamos que se orientar pela afirmação “b” e “c” coloca, ainda, a possibilidade de um entendimento que a presença de professores na Educação Infantil pode ser vista como o preenchimento de uma falta da referência masculina. Martins, Souza e Mello (2020 apud MATOS; MARTINS, 2021) asseguram que:

[...] “a participação de homens é credenciada como uma forma de suprir uma suposta ausência de referência masculina/paterna na vida de crianças” (MARTINS, SOUZA E MELLO, 2020, p. 463). Aceitar essa premissa abre margem para a naturalização dos papéis sociais distintos, que ainda são enraizados no “machismo estrutural”, bem como pode nos levar a enfraquecer a luta por afirmação nesse espaço, pois as “noções hegemônicas de masculinidade” se mostram incompatíveis com o trabalho pedagógico realizado por homens nessa etapa da escolarização. (MATOS, MARTINS, 2021, p. 4)

A presença do professor na Educação Física na Educação Infantil deve ser vista como um lugar ocupado com propriedade de conhecimento e não simplesmente por, supostamente, se precisar de homens nesse segmento de ensino. Por isso, faz-se necessário o conhecimento do conceito de gênero/identidade de gênero, a partir do qual o profissional precisa pensar e refletir sobre o meio que se faz presente e, assim, proporcionar o espaço nas aulas que ocorram as reflexões e problematizações sobre a cultura corporal.

Ao enfatizar a importância de se conhecer o conceito de gênero/identidade de gênero, constatamos que em 5 das produções (CORREIA; CORRÊA; RUFFONI, 2017; SILVA et al., 2019; BAHIANA et al., 2019; NOVAIS et al., 2021; ASSIS, 2021) fica evidente a concordância sobre a Educação Física ter um papel fundamental na construção e humanização das crianças e jovens.

A Educação Física, segundo Silva et al. (2019, p.3): “[...] é uma das disciplinas mais próximas do diálogo entre o corpo e a sexualidade”, pois as aulas são o lugar adequado para se compreender a cultura corporal, bem como procurar identificar e debater sobre estereótipos masculinos e femininos. Tendo Altmann (2015) como suporte, podemos afirmar que:

A bola é o objeto mais disputado em aula de Educação Física. O rolar dá início a um jogo que, seja lá qual for, também coloca em jogo a relação de Arabela e Raul. Coloca em jogo habilidades corporais distintas, construídas entre expectativas e oportunidades de movimento díspares, quando olhadas da perspectiva e gênero. A bola coloca em jogo tanto movimentos técnicos ou habilidades táticas, como práticas corporais marcadas por significados de gênero. E é dentro desse mesmo jogo que se criam também oportunidades de reconstruir os gêneros e suas relações. Brincadeiras entre meninos e meninas são, igualmente, formas de jogar com as ambiguidades, desfazendo fronteiras entre eles e elas, entre namoro e amizade, entre briga e brincadeira, para restabelecê-las de outras formas dentro da cultura infantil. (ALTMANN, 2015, p. 139-140)⁵

Concluindo nosso entendimento sobre a categoria Educação Física Escolar, percebemos a importância de ver o corpo para além da perspectiva biológica, de compreender como se estrutura a cultura corporal. A aula de Educação Física pode ser um espaço de construção, mas, se não for bem mediada, pode ser um lugar de reafirmação de padrões e relações de poder hegemônicos:

É de responsabilidade da educação física garantir acesso aos conhecimentos da cultura corporal de movimentos e, por estar inserida na escola, esse processo precisa ser garantido a todos estudantes. Assim, há de ser ter como garantir a transmissão desse conhecimento às novas gerações,

⁵ Arabela e Raul são crianças que protagonizam o poema “Jogo e bola” da autora Cecília Meireles.

reconhecendo diferenças sem, no entanto, reafirmar desigualdades de gênero presentes em outras esferas sociais. (ALTMANN, 2015, p. 142)

Ficou evidente, em nosso entendimento, que a formação do(a) professor(a) irá interferir diretamente no desenvolvimento das aulas e como se percebe as relações de gênero/identidade de gênero na escola. A formação inicial e continuada é um caminho para se ter acesso a mais conhecimentos e ressignificar conceitos e a própria prática pedagógica. Também é importante se compreender o meio social na qual a escola está inserida, reconhecendo como as relações de gênero são construídas e reproduzidas para além do espaço escolar. No caso da Educação Física escolar para as crianças, trata-se, ainda, de reconhecer nas experiências e nos conhecimentos da cultura corporal as possibilidades de tensionar e construir outras relações de gênero desde a Educação Infantil.

Debater questões de gênero/identidade de gênero se faz importante para as futuras gerações questionarem a cultura vigente, para não aceitarem a imposição da sociedade sobre os “padrões corretos” – o que pode ser caracterizado como um reivindicar do direito de ser e de viver.

Além disso, ampliar o debate sobre o conceito de infâncias e criança mostra-se necessário, pois na análise dos resumos selecionados identificamos a ausência desses conceitos. Fica o questionamento: “Como estão sendo pensadas as infâncias e as crianças?”.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, procuramos entender como as relações de Gênero/Identidade de gênero encontram-se problematizadas nas aulas de Educação Física na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. O objetivo principal desta pesquisa foi analisar a produção científica sobre a temática apresentada no GTT Gênero e publicada nos anais das edições do CONBRACE no período de 2015 a 2021. Para a realização da pesquisa, escolheu-se a metodologia da pesquisa bibliográfica (GIL, 1991). No primeiro momento, realizamos o levantamento dos resumos publicados no GTT Gênero nos anais do CONBRACE entre os anos de 2015-2021. A busca teve como referência as palavras-chave: gênero, educação física e escola. Posteriormente, focamos nas produções que apresentavam como público-alvo professores(as) da Educação Infantil e Anos Iniciais e crianças e jovens da faixa etária desses segmentos de ensino. Nesse processo de levantamento, foram selecionadas seis produções científicas, que compuseram o material de análise da pesquisa.

Na primeira seção do trabalho buscamos expor como a Educação Física pode contribuir, identificar e desenvolver as questões de gênero nas aulas da disciplina. Na segunda seção, iniciamos a análise dos resumos selecionados, na qual foi utilizada a técnica de análise de conteúdo, tendo em conta as seguintes categorias de análise: Gênero/Identidade de gênero e Educação Física Escolar. Na terceira sessão, apresentamos a análise das características gerais dos resumos selecionados e, posteriormente, a análise das categorias de análise Gênero/Identidade de gênero e Educação Física Escolar.

Percebemos durante o processo de levantamento o baixo número de publicações sobre a temática, o que pode ser explicado pelo ano recente de criação do GTT-Gênero (2013) e pelo fato de que, provavelmente, existam produções científicas presentes em outros GTT's, como o GTT Escola ou o GTT Corpo e Cultura.

Ao conceituar Gênero/Identidade de gênero, as definições encontradas nas produções científicas foram ao encontro com a definição que utilizamos para caracterizar o conceito – no caso, gênero como uma construção social. Também concluímos através das produções que é fundamental garantir que as aulas de Educação Física sejam um espaço de respeito às diferenças, que compreenda o cenário histórico, e que cuide para não reforçar estereótipos hegemônicos.

Sobre a Educação Física escolar foi possível ampliar nossos conhecimentos e compreender melhor como esse espaço repleto de história e de reflexos sociais interfere nas crianças e jovens. O(a) professor(a) precisa ter um olhar sensível e crítico, pois as aulas são espaços políticos e pedagógicos. Entender que existe possibilidades variadas de educar o corpo, proporcionando o ressignificar de conceitos e de auxiliar no processo de autoafirmação do direito ser.

A importância de proporcionar que meninos e meninas convivam respeitando uns aos outros e que possuam as mesmas oportunidades de acesso ao conhecimento, para que, assim, se possa fazer presente a igualdade entre os gêneros. Trata-se, ainda, de garantir que as crianças e jovens sejam diferentes sem a reprodução de desigualdades.

Há poucas pesquisas sobre o tema de nossa pesquisa no GTT Gênero nas edições do CONBRACE entre 2015 e 2021, como podemos evidenciar na sessão 3.2 deste trabalho. Desse modo, indicamos a necessidade de ampliação dos estudos dentro da temática relações de gênero/identidade de gênero no campo da Educação Física Escolar, pois os estudos analisados são recentes e existe a possibilidade de se ampliar propostas pedagógicas que visem desconstruir compreensões advindas das desigualdades de gênero produzidas em nossa sociedade e reproduzidas ao nível do senso comum como: meninas são mais fracas e menos habilidosas; meninas só se preocupam com a beleza; meninas não sabem jogar; existem práticas corporais “inadequadas” ou “adequadas” para meninas e para meninos, entre outras. Também é necessário ampliar pesquisas sobre a Educação Física na Educação Infantil, da mesma forma que compreender e entender de forma mais profunda à docência masculina na Educação Infantil. Essas pautas não dizem respeito apenas ao pedagogo(a) e ao professor(a) de Educação Física e sim a toda equipe escolar, pois ninguém é uma ilha, e gênero é uma construção social e envolve muitas instituições.

Ressaltamos, por fim, que o CBCE, o CONBRACE e os Grupos de Trabalhos Temático possuem papéis essenciais na produção científica da Educação Física brasileira, pois são espaços ricos em produções e em trocas de vivências que contribuem diretamente para o enriquecimento do conhecimento da sociedade.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena; FERNANDES, Simone Cecília. A mulher e esporte: palavras iniciais sobre os desafios ao ensino na escola. **Poiésis**, Tubarão, v. 8, n. 13, p. 126 - 140, jan./jun. 2014. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Poiesis/article/view/2252/1626>>. Acesso em: 20 nov. 2023.

ALTMANN, Helena; FERNANDES, Simone Cecília. A educação esportiva de meninas na escola pública: contornos socioculturais. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 19., 2015, Vitória. **Anais** [...]. Vitória, 2015. Disponível em: <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2015/6conice/paper/viewFile/7667/3641>>. Acesso em: 16 dez. 2023.

ALTMANN, Helena. **Educação física escolar: relações de gênero em jogo**. Cortez: São Paulo, 2015.

ASSIS, Amanda Dória de. “Eu posso viver”: relato de experiência sobre problematizações de gênero nas aulas de educação física. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 22., 2021, Belo Horizonte. **Anais** [...]. Belo Horizonte, 2021. Disponível em: <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2021/9conice/paper/viewFile/16141/8172>>. Acesso em: 16 dez. 2023.

BAHIANA, Mariane de Almeida; SOUZA, Anna Carolina Carvalho de; BRITO, Leandro Teófilo de; FONSECA, Michele Pereira de Souza da. Gênero na educação infantil: problematizando o discurso docente e os impactos na educação física escolar. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 21., 2019, Natal. **Anais** [...]. Natal, 2019. Disponível em: <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2019/8conice/paper/viewFile/12367/6872>>. Acesso em: 16 dez. 2023.

BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Cadernos Cedes**, Campinas, n. 48, p. 69-88, ago. 1999. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ccedes/a/3NLKtc3KPprBBcvgLQbHv9s/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 20 nov. 2023.

BRITO, Leandro Teofilo de; PEREIRA, Leticia Reolon; SILVA, Kátia Regina Xavier Pereira da; VENTURA, Claudia Regina de Oliveira; SÁ, Marcio Nogueira de. Gênero e sexualidade como conteúdos na educação física escolar: intervenções e possibilidades. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 20., 2017, Goiânia. **Anais** [...]. Goiânia, 2017. Disponível em: <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2017/7conice/paper/viewFile/10136/5136>>. Acesso em: 16 dez. 2023

COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. **Apresentação**. Uberlândia: CBCE, 2023a. Disponível em: <<http://www.cbce.org.br/apresentacao/>>. Acessado em: 05 dez. 2023.

COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. **GTT 07 - Gênero**. Uberlândia: CBCE, 2023b. Disponível em: <www.cbce.org.br/gtt/gtt07-genero>. Acessado em: 05 dez. 2023.

CORREIA, Vilma da Silva; CORRÊA, Dener Thimoteo; RUFFONI, Ricardo. Trabalhar gênero na aula de educação física por meio de esquema corporal: relato de experiência. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 20., 2017, Goiânia. **Anais** [...]. Goiânia, 2017. Disponível em: <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2017/7conice/paper/viewFile/10042/5133>>. Acesso em: 16 dez. 2023.

CUNHA, Juliana Pelluso Fernandes da; DEVIDE, Fabiano Pries. Co-educação e educação física escolar: a construção de um caderno pedagógico de atividades. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 19., 2015, Vitória. **Anais** [...]. Vitória, 2015. Disponível em: <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2015/6conice/paper/viewFile/7087/3638>>. Acesso em: 16 dez. 2023.

EVANGELISTA, Kelly Cristiny Martins; MESQUITA, Bárbara Andressa Mendonça de Rocha; BRAGA, Daiana Rodrigues de Lima. Corpo, gênero e heteronormatividade: cenas de uma escola em Goiânia. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 20., 2017, Goiânia. **Anais** [...]. Goiânia, 2017. Disponível em: <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2017/7conice/paper/viewFile/8940/5103>>. Acesso em: 16 dez. 2023.

FERREIRA, Josiane de Cassia Brito; MEDEIROS, Cristina Carta Cardoso de; COSTA, Maria Regina Ferreira da. Participação feminina nas aulas de educação física. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 20., 2017, Goiânia. **Anais** [...]. Goiânia, 2017. Disponível em: <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2017/7conice/paper/viewFile/9756/5125>>. Acesso em: 16 dez. 2023.

FREIRE, Paulo. **Papel da educação na humanização**. Resumo de palestra na Universidade do Chile, 1967. Disponível em: <<http://edspce.blogspot.com.br/p/papel-da-educacao-na-humanizacao-paulo.html>>. Acesso em: 16 dez. 2023.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991. Disponível em: <http://www.fc.unesp.br/Home/helber-freitas/tcci/gil_como_elaborar_projetos_de_pesquisa_-anto.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2023.

GOMES, Romeu. A análise de dados em pesquisa qualitativa. *In*: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 21 ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 67-80.

PRINCIVAL JUNIOR, Nelson; KRONBAUER, Gláucia Andreza. Gênero e suas inter-relações com os domínios da educação física escolar. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 22., 2021, Belo Horizonte. **Anais** [...]. Belo Horizonte, 2021. Disponível em:

<<http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2021/9conice/paper/viewFile/15676/8143>>. Acesso em: 16 dez. 2023.

LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2013.

MELO, Joyce Fernandes de *et al.* Questões de gênero e a participação da mulher nas práticas de futebol durante a educação física escolar: um estudo bibliográfico. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 22., 2021, Belo Horizonte. **Anais** [...]. Belo Horizonte, 2021. Disponível em: <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2021/9conice/paper/viewFile/15895/8189>>. Acesso em: 16 dez. 2023.

MIRANDA, Patrícia. A construção social das identidades de gênero nas crianças: um estudo intensivo em Viseu. *In*: CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA MUNDO SOCIAIS: SABERES E PRÁTICAS, 6., 2008, Lisboa. **Anais** [...]. Lisboa, 2008. Disponível em: <<https://associacaoportuguesasociologia.pt/vicongresso/pdfs/136.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2023.

NATALI, Marcos. **A brincadeira/brincar problematizada fundamentada em periódicos científicos da Educação Física no período de 2014 a 2019**. 2019. 65 f. Monografia (Especialização em Educação Física Escolar) – Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/19634/TCCE_EFE_2019_NATALI_MARCOS.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 20 jan. 2024.

NUNES, Hudson Fabricius Peres *et al.* Educação Física, futebol e gênero: uma proposta de ensino a partir das relações de poder. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 17, n. 4, p. 1-15, out./dez. 2014. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/fe/article/view/30968/17752>>. Acesso em: 20 nov. 2023.

PEREIRA, Fernanda Bernadeth Monteiro; LIMA, Rarielle Rodrigues. As percepções dos alunos sobre a participação feminina nas aulas práticas de educação física em escolas do ensino fundamental anos finais no município de Pinheiro/MA. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 22., 2021, Belo Horizonte. **Anais** [...]. Belo Horizonte, 2021. Disponível em: <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2021/9conice/paper/viewFile/15954/8167>>. Acesso em: 16 dez. 2023.

PORTELA, Thalita Regina de Oliveira; OLIVEIRA, Ayra Lovisi; ALVIANO JUNIOR, Wilson. Relações de gênero nas aulas de educação física: uma análise de construções identitárias. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 21., 2019, Natal. **Anais** [...]. Natal, 2019. Disponível em: <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2019/8conice/paper/viewFile/12108/6867>>. Acesso em: 16 dez. 2023.

RAMALHO, Carla Chagas; VIEIRA, José Jairo. **Perspectiva crítica de gênero na educação física**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 22., 2021, Belo Horizonte. **Anais** [...]. Belo Horizonte, 2021. Disponível em: <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2021/9conice/paper/viewFile/15666/8185>>. Acesso em: 16 dez. 2023.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil para análise histórica. Tradução de Christine Rufino Dabat, Maria Betânia Ávila. New York: Columbia University Press. 1989. Disponível em: <http://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/Gênero-Joan%20Scott.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2023.

SANTOS, Ana Paula Silva. Gênero, educação física e educação intercultural: articulações possíveis. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 21., 2019, Natal. **Anais** [...]. Natal, 2019. Disponível em: <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2019/8conice/paper/viewFile/13341/6888>>. Acesso em: 16 dez. 2023.

SANTOS, Antoniel dos; DORNELLE, Priscila Gomes. Gênero e educação do campo: uma análise sobre o futebol feminino em uma escola do campo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 20., 2017, Goiânia. **Anais** [...]. Goiânia, 2017. Disponível em: <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2017/7conice/paper/viewFile/10050/5134>>. Acesso em: 16 dez. 2023.

SILVA, Erlânia Pereira da; SILVA, Dafne Raiane Gomes; SILVA, Adrielly Carla Santos; OLIVEIRA, Mariana Ferreira de; JESUS, Raiany Nascimento de; SANTOS Petra Schneider Lima dos. Estágio supervisionado I: análise das relações de gênero na educação infantil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 21., 2019, Natal. **Anais** [...]. Natal, 2019. Disponível em: <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2019/8conice/paper/viewFile/13666/6894>>. Acesso em: 16 dez. 2023.

SILVA, Jarlson Carneiro Amorim da; FALCÃO Fernandes Bertyza Carvalho; CAMINHA, Iraquitã de Oliveira. A educação física e os conflitos de gênero: uma possível união durante as aulas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 19., 2015, Vitória. **Anais** [...]. Vitória, 2015. Disponível em: <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2015/6conice/paper/viewFile/7103/3652>>. Acesso em: 16 dez. 2023.

SILVA, Rita de Cassia de Oliveira e. “Peteca é coisa de menina, professora”! Educação física e questões de gênero. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 21., 2019, Natal. **Anais** [...]. Natal, 2019. Disponível em: <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2019/8conice/paper/viewFile/12478/6874>>. Acesso em: 16 dez. 2023.

SOUSA, Eustáquia Salvadora de; ALTMANN, Helena. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Cadernos Cedex, Corpo e educação, Centro de estudos Educação e Sociedade**, Campinas, n. 48, p. 52-68, 1999. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/ccedes/a/WmskFBM75bMM855MZYhYvgb/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 25 jan. 2024.

SOUSA, Eustáquia Salvadora de. **Meninos, à marcha! Meninas, à sombra!** A história do ensino da Educação Física em Belo Horizonte (1897-1994). 1994. 265 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994. Disponível em: <<https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.1994.83727>>. Acesso em: 17 dez. 2023.

TIMÓTEO, Ítala Almeida; SILVA, Maria Eleni Henrique da; OLIVEIRA, Brena Maria Lima da Silva de. A relação entre gênero e a participação nas aulas: “participativ@s, participad@s ou partímid@s?”. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 21., 2019, Natal. **Anais** [...]. Natal, 2019. Disponível em: <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2019/8conice/paper/viewFile/13338/6887>>. Acesso em: 16 dez. 2023.

WENETZ, Ileana; MARTINS, Mariana Zuaneti; LAURINDO, Vinnicius Camargo de Souza. Levantamento da produção acadêmica do Grupo de Trabalho Temático Gênero entre os anos 2015-2019. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 22., 2021, Belo Horizonte. **Anais** [...]. Belo Horizonte, 2021. Disponível em: <congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2021/9conice/paper/viewFile/15068/8145>. Acesso em: 23 jan. 2024.

**APÊNDICE A - QUADROS DE ANÁLISE DAS PRODUÇÕES CIENTÍFICAS - GTT
07- GÊNERO (2015-2021)**

Título	TRABALHAR GÊNERO NA AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA POR MEIO DE ESQUEMA CORPORAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA
Autores/as	Vilma da Silva Correia, Dener Thimoteo Corrêa, Ricardo Ruffoni
Edição. do evento	20° CONBRACE
Ano	2017
Palavra-chave	Educação Física Escolar; Questões de Gênero; Respeito
Formato (resumo simples ou expandido)	Simple
Objetivo	<p>A falta de respeito entre meninos e meninas do I Segmento do Ensino Fundamental nas aulas de Educação Física Escolar, ocasionou uma intervenção, para discutir questões de gênero por meio de uma atividade de esquema corporal, a fim de amenizar as tensões que ocorrem entre os alunos, pontuando a importância do respeito para o bem estar entre eles, pois, o respeito é uma forma de acolher o que não está de acordo como 'padrão'. (p.1)</p> <p>O trabalho teve por objetivo orientar os alunos a refletir sobre questões de gênero e respeito ao próximo. (p. 1)</p>
Metodologia	Estudo de caráter qualitativo com características de relato de experiência, realizado em uma escola no município de Seropédica com turmas do I Segmento do Ensino Fundamental, durante uma aula de Educação Física. (p. 2)
Público-alvo	I Segmento do Ensino Fundamental nas aulas de Educação Física Escolar.
Gênero/identidade e de gênero	<p>[...] o que não está de acordo como 'padrão'. "A discussão sobre gênero propicia o questionamento de papéis estabelecidos a homens e mulheres na sociedade, a valorização e a flexibilização desses papéis" (BRASIL, 1997, p.35). (p. 1)</p> <p>[BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.]</p> <p>As silhuetas corporais do gênero oposto foram caracterizadas de acordo com estereótipos pré-estabelecidos pela sociedade, com roupas rosa e laços para as meninas e roupas azuis e bonés para os meninos, mesmo tendo a disposição, variedades de roupas, cores e adornos. Questionados sobre os critérios de escolhas utilizados na caracterização, as turmas foram unânimes em dizer que determinadas vestimentas são de meninos e outras de meninas. Segundo Pereira e Mourão (2005, p.206-207) "É a sociedade quem cria padrões de feminilidade e masculinidade que são considerados 'normais' ou 'desviantes". (p. 2)</p> <p>[PEREIRA, S. A. M.; MOURÃO, Ludmila. Identificações de gênero: jogando e brincando em universos divididos. Motriz, Rio Claro, v. 11, p. 205-210, 2005.]</p>
Educação Física Escolar	As intervenções didáticas podem propiciar experiências de respeito às diferenças e de intercâmbio [...] (BRASIL, 1997, p.84).

	[BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.]
Considerações finais	Através da intervenção, percebeu-se que, algumas crianças desde cedo reproduzem comportamentos de discriminação contra quem não se enquadra nos padrões estereotipados pela sociedade em que vivem. Mas a atividade proposta tornou possível levá-los a refletir sobre a importância do respeito entre gênero, iniciando a desconstrução de pensamentos limitados. (p. 2)

Título	ESTÁGIO SUPERVISIONADO I: ANÁLISE DAS RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL
Autores/as	Erlânia Pereira da Silva, Dafne Raiane Gomes Silva, Adrielly Carla Santos Silva, Mariana Ferreira de Oliveira, Raiany Nascimento de Jesus, Petra Schnneider Lima dos Santos.
Edição do evento	21º CONBRACE
Ano	2019
Palavra-chave	Educação Infantil; Educação Física; Relações de Gênero
Formato (resumo simples ou expandido)	Simple
Objetivo	O objetivo deste trabalho é, apresentar as relações de gênero na educação infantil, a partir de relato de experiência no estágio supervisionado I (p. 1)
Metodologia	Pesquisa qualitativa-descritiva. (p. 1)
Público-alvo	A pesquisa foi realizada com escolares da educação infantil, de 4 a 5 anos de idade, de uma escola da rede municipal, localizada na zona rural da cidade de Arapiraca-AL. A turma tinha aproximadamente 20 alunos. (p. 2) A técnica utilizada para o estudo foi a observação participante (p. 2)
Gênero/ identidade de gênero	Segundo Chateau (1987, p. 81) “essas imitações tendem cada vez mais a se aproximar de seus modelos com os quais acabarão por se identificar mais tarde”. Nesse caso, referindo-se à formação dos sujeitos, na construção de suas identidades de gênero, a partir das características socioculturais do que é ser homem e do que é ser mulher, e de que forma eles se relacionam. (p. 3) [CHATEAU, J. O jogo e a criança. São Paulo: Summus, 1987.] Louro (2008) considera que, essas atitudes são reflexo de um processo de aculturação; visto que, “(...) a diferença não é natural, mas sim naturalizada. A diferença é produzida através de processos discursivos e culturais. A diferença é ensinada” (p. 22). [LOURO, G. L. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. Pro-posições, v. 19, n. 2, p. 17-23, 2008.]
Educação Física Escolar	Para fundamentar a necessidade de a Educação Física tratar de temas relacionados as questões de gênero, entende-se que, por ser ela (EF) um componente curricular da Educação Básica, tem papel fundamental na construção e humanização dos seres sociais, sendo assim, professores devem atuar como mediadores da relação entre o Ser e o Saber. Dessa forma, tratar de questões pertinentes à realidade social faz parte dos deveres educacionais da EF, sendo uma temática desafiadora presente não só na sociedade, mas no espaço escolar

	<p>trazendo conseqüentemente implicações para o ensino - aprendizagem. (p. 2)</p> <p>Além disso, é importante ressaltar o papel crucial do professor/professora de EF na escola, pois, segundo Santos apud Nicolino e Paraíso (2018), a Educação Física é uma das disciplinas curriculares mais próximas do diálogo entre o corpo e a sexualidade, por entender que “o corpo é ‘peça-chave’ na articulação dos conteúdos da cultura corporal com os conteúdos da Orientação Sexual”, e, esse diálogo ocorre desde os primeiros níveis de ensino, como pode ser observado no relato acima, o que reforça a necessidade de haver professores e professoras de Educação Física atuando desde a Educação Infantil. (p. 3)</p> <p>[NICOLINO, A. S.; PARAÍSO, M. A. Escolarização da sexualidade: o silêncio como prática pedagógica da educação física. Movimento (ESEFID/UFRGS), v. 24, n. 1, p. 93-106, 2018.]</p> <p>O conteúdo adotado para as intervenções foram os Jogos e Brincadeiras, conforme a BNCC (2017), a síntese das aprendizagens para a educação infantil requer que as crianças se tornem capazes de “utilizar o corpo intencionalmente (com criatividade, controle e adequação) como instrumento de interação com o outro e com o meio”, e o conteúdo Jogos e Brincadeiras contribui para o desenvolvimento dessas habilidades. (p. 2)</p> <p>[BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017.]</p>
Considerações finais	<p>Mediante o contexto apresentado, considera-se que, as relações de gênero podem sim influenciar na prática pedagógica, formação e/ou aprendizado das crianças, visto que, as crianças trazem traços socioculturais marcantes à escola, e, esses são reproduzidos nas suas interações; e, quando o/a professor (a) não se atenta nem trata dessas questões, eles se e podem aparecer de modo mais contundente nos ciclos seguintes de ensino.</p> <p>Por isso, é necessário que a educação física na educação infantil seja “um espaço em que a criança brinque com a linguagem corporal, com o corpo, com o movimento, alfabetizando-se nessa linguagem” (AYOUB, 2001, p. 57), interagindo com as demais crianças, independente do sexo. (p. 3)</p> <p>[AYOUB, E. Reflexões sobre a educação física na educação infantil. Revista Paulista de Educação Física, p. 53-60, 2001.]</p>

Título	GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PROBLEMATIZANDO O DISCURSO DOCENTE E OS IMPACTOS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR
Autores/as	Mariane de Almeida Bahiana, Anna Carolina Carvalho de Souza, Leandro Teófilo de Brito, Michele Pereira de Souza da Fonseca.
Edição do evento	21º CONBRACE
Ano	2019
Palavra-chave	Gênero; Educação Física escolar; Educação Infantil
Formato (resumo simples ou expandido)	Expandido

Objetivo	[...] identificar quais são os principais significados de gênero produzidos nos contextos escolares, especificamente em turmas de Educação Infantil, pela problematização dos discursos das professoras regentes e como esses significados podem reverberar nas aulas de Educação Física escolar. (p. 2)
Metodologia	O estudo é constituído por entrevistas. (p. 2)
Público-alvo	Entrevistas. A pesquisa foi realizada com três professoras da rede pública do município do Rio de Janeiro, que estavam atuando como regentes na Educação Infantil, especificamente na Pré-escola, no período de outubro a dezembro de 2018. (p. 2)
Gênero/identidade de gênero	<p>Entendendo o termo gênero como a construção social, cultural e histórica das diferenças sexuais entre homens e mulheres (SCOTT, 1995), ou pensando ainda que “[...] o gênero é uma identidade tenuamente constituída no tempo, instituído num espaço externo por meio de uma repetição estilizada de atos” (BUTLER, 2003, p.200) (p. 1)</p> <p>[SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e realidade. v.20, n.2, p.71-99. 1995.]</p> <p>[BUTLER, J. Problemas de Gênero: feminismo e subversão de identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.]</p> <p>Especialmente na Educação Infantil, é comum observar tarefas da rotina escolar que são divididas por gênero de maneira naturalizada. (p. 2)</p> <p>Existem muitas outras práticas pedagógicas que reforçam esses padrões de gênero, como por exemplo, caixas de brinquedos de meninos e brinquedos de meninas, as tradicionais chamadinhas com os nomes das meninas da cor rosa e dos meninos de cor azul, jogos e brincadeiras onde as meninas competem contra os meninos ou muitas vezes, as meninas deixam de participar. (p. 3)</p>
Educação Física Escolar	<p>Ainda sobre a educação, pensando especificamente nas aulas de Educação Física, não é raro encontrar práticas pedagógicas que fazem divisões por gênero, que influenciam as crianças (mesmo que inconscientemente) a terem atitudes competitivas, e aulas pensadas a partir de abordagens de cunho tecnicista. Isso ainda se dá pelo histórico excludente da Educação Física, que pelos métodos militarista, eugenista e higienista, contribuiu para que fosse reforçado o binarismo e as separações por gênero. (p. 2)</p> <p>Sabemos que a Educação Física vem se resignificando como um espaço apropriado para reflexões de gênero e da perspectiva inclusiva de forma abrangente. Para isso, a escola necessita reinventar práticas inclusivas, e oferecer um currículo que contemple experiências e interesses em diversas áreas. Sendo assim, na Educação Física escolar, é necessária a busca por aulas coeducativas, considerando a igualdade de oportunidades entre os gêneros (ZUZZI; KNIJNIK, 2010). (p. 2)</p> <p>[ZUZZI, R. P.; KNIJNIK, J. D. Do passado ao presente: reflexões sobre a história da Educação Física a partir das relações de gênero. In: KNIJNIK, J.; ZUZZI, R. (Org.). Meninas e Meninos na Educação Física: gênero e corporeidade no século XXI. Jundiaí: Fontoura, 2010, p. 59 – 70]</p>

Considerações finais	<p>Observando as reflexões das professoras entrevistadas, entendemos que os sentidos performativos do gênero são fortemente representados e repetidos indo ao encontro do que a sociedade impõe. Além disso as práticas pedagógicas das professoras regentes de turma ainda afetam efetivamente o comportamento das crianças nas aulas de Educação Física. A naturalização da separação por gênero feita pelas professoras em muitos momentos da rotina escolar, faz com que a tentativa de desconstrução deste comportamento por parte de outro/a professor/a se torne uma tarefa muito mais complexa do que poderia ser, levando em consideração que as crianças dos anos iniciais passam a maior parte do tempo escolar com as professoras regentes de turma. (p. 4)</p> <p>É importante ressaltar que, para que o objetivo de participação efetiva de todos e todas seja alcançado, além da igualdade de oportunidades, é necessário pensar uma educação que privilegie a liberdade dos corpos, para que possamos refletir que muito mais do que conhecer ou aceitar, é necessário o respeito, a valorização e o entendimento de que a diferença é a própria riqueza da sociedade. (p. 4)</p> <p>Portanto, o comprometimento das/os educadoras/es com a perspectiva inclusiva se torna indispensável e fundamental para a desconstrução de estereótipos que causam tanto sofrimento por parte daqueles/as que não se enquadram nos padrões culturais engessados de gênero e para que assim, as relações desiguais de poder sejam minimizadas. (p. 4)</p>
----------------------	--

Título	QUESTÕES DE GÊNERO NA FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA E A DOCÊNCIA MASCULINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL
Autores/as	Matheus Furtado Matos, Rodrigo Lema Del Rio Martins
Edição do evento	22º CONBRACE
Ano	2021
Palavra-chave	Gênero; Educação Física; Educação Infantil
Formato (resumo simples ou expandido)	Expandido
Objetivo	O objetivo deste texto é analisar a presença masculina de professores de EF na EI no contexto do Rio de Janeiro. (p. 1-2)
Metodologia	Trata-se de uma pesquisa do tipo descritivo-interpretativa, Questionário. (p. 2)
Público-alvo	Dialogamos com 11 docentes do sexo masculino com formação em EF que atuam na EI pública municipal do Rio de Janeiro. (p. 2)
Gênero/identidade de gênero	<p>A ausência de discussões sobre gênero na formação inicial em EF ainda é um grande desafio. (p. 3)</p> <p>Louro (1998) explica que a predominância feminina na educação guarda relação direta com a divisão dos papéis sociais e sexual entre homens e mulheres no mundo do trabalho. Essa lógica é reforçada por Sayão (1999), quando a autora afirma que a inserção da EF na EI em Florianópolis se deu, justamente, para promover a figura masculina junto às crianças pequenas das unidades públicas. Nessa direção, Martins, Souza e Mello (2020, p. 463) asseguram que “[...] a</p>

	<p>participação de homens é credenciada como uma forma de suprir uma suposta ausência de referência masculina/paterna na vida de crianças”. Aceitar essa premissa abre margem para a naturalização dos papéis sociais distintos, que ainda são enraizados no “machismo estrutural”, bem como pode nos levar a enfraquecer a luta por afirmação nesse espaço, pois as “noções hegemônicas de masculinidade” se mostram incompatíveis com o trabalho pedagógico realizado por homens nessa etapa da escolarização. (p. 4)</p> <p>[LOURO, G. L. Magistério de 1º Grau: um trabalho de mulher. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 31-39, jul./dez. 1989.]</p> <p>[SAYÃO, D. T. Educação Física e educação infantil: riscos, conflitos e controvérsias. Motrivivência, v. 11, n. 13, p. 221-238, nov. 1999.]</p> <p>[MARTINS, R. L. R.; SOUZA, F. T. O. de.; MELLO, A. S. A presença masculina de professores de educação física na educação infantil: da inserção à gestão escolar. Zero-a-Seis, v. 22, n. 42, p. 453-479, jul./dez. 2020.]</p>
Educação Física Escolar	Não localizado
Considerações finais	<p>Os dados apontam que o debate sobre as questões de gênero, mais especificamente as que focalizem à docência masculina da EF com a EI, precisam avançar em termos de formação inicial e continuada. Alguns docentes tiveram a oportunidade de dialogar sobre tais questões ainda na graduação enquanto outros somente na pós-graduação. Foi possível perceber que a prática cotidiana na interlocução com as crianças, com profissionais e com familiares têm se constituído também como uma forma de aprender a lidar com os desafios da docência masculina em um universo predominantemente feminino. (p. 5)</p> <p>Esse contexto tão peculiar exige de os professores compreender o cenário histórico e atual que impacta nas representações sociais acerca da EI e dos papéis que homens e mulheres cumprem na sociedade como um todo e na educação de crianças pequenas. (p. 5)</p>

Título	PROJETO “SORRIA: NOSSO CIRCO É SÓ ALEGRIA”: RELATO DE OBSERVAÇÃO
Autores/as	Gil Vitor Gimenes Novais, Janayna Batista de Almeida Gomes, Nelson Figueiredo de Andrade Filho, Nina e Silva Meriguete, Susana da R. Louzada, Suzany Maria Soares da Silva
Edição do evento	22º CONBRACE
Ano	2021
Palavra-chave	Educação Infantil; Educação física; Gênero
Formato (resumo simples ou expandido)	Simple
Objetivo	Propôs ações pedagógicas que proporcionaram vivências inclusivas pautadas por uma perspectiva de enfrentamento às desigualdades de gênero. (p. 1)

	O ponto chave da atividade de Educação Física foi desconstruir a ideia de que existem brinquedos e brincadeiras de meninas e de meninos. (p. 2)
Metodologia	Observação - relato experiência
Público-alvo	Educação Infantil
Gênero/identidade de gênero	As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010), trazem em seu arcabouço de princípios a necessidade de “construir novas formas de sociabilidade e de subjetividade comprometidas com a democracia e com o rompimento de diferentes formas de dominação etária, socioeconômica, étnico-racial, de gênero, regional, linguística e religiosa”, o que não só possibilita, mas também recomenda a abordagem das temáticas de gênero. (p. 2)
Educação Física Escolar	Como culminância da temática, oportunizou às crianças Experiências de Movimentos Corporais (ANDRADE FILHO, 2011) em um “baile”, momento este em que as crianças dançaram e brincaram ao som de várias outras músicas e ritmos. Outro recurso didático-pedagógico utilizado pela professora foi o livro “O menino Nito” que também foi de extrema importância para fomentar o debate e favorecer o diálogo sobre estereótipos masculinos construídos pela sociedade. (p. 2) [FILHO, Andrade. Experiências de movimento corporal no cotidiano da educação infantil. Campinas, 2011.]
Considerações finais	Neste cenário foi possível dar oportunidade de acesso às mesmas experiências de movimento corporal a todos, possibilitando assim, ressignificarem suas relações de gênero construídas a partir das relações socioculturais já pré-estabelecidas. Por fim, acreditamos que é urgente a necessidade de transformar as escolas e centros de Educação Infantil em espaços de enfrentamento das desigualdades sociais, raciais e de gênero. (p. 2-3)

Título	“EU POSSO VIVER”: RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE PROBLEMATIZAÇÕES DE GÊNERO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA
Autores/as	Amanda Dória de Assis
Edição do evento	22º CONBRACE
Ano	2021
Palavra-chave	Estudos de gênero; Educação Física; Escola
Formato (resumo simples ou expandido)	Expandido
Objetivo	Visa apresentar uma proposta de trabalho que problematiza gênero nas aulas de educação física, realizado com turmas do terceiro ano do ensino fundamental em uma escola municipal de Porto Alegre. (p. 1)
Metodologia	O trabalho se constitui um relato de experiência que discute gênero. O referido trabalho foi realizado em uma escola da Escola Municipal de Porto Alegre em 2019, com uma turma do terceiro ano do ensino fundamental. (p. 2) As aulas de educação física são inspiradas na perspectiva cultural, vislumbrando aulas que possibilite análise, ressignificação e ampliação dos saberes relativos à Cultura Corporal (p. 2) Nessa direção, realizei na unidade temática de dança diferentes estratégias visando possibilitar análises, discussões e outras imagens às práticas corporais de dança. (p. 2)

	Iniciei com jogo just dance... O jogo tem me ajudado a iniciar as danças de modo mais lúdico. Além disso, nesses jogos há imagens de homens como dançarinos, e sujeitos bem plurais. (p. 3)
Público-alvo	Realizado com turmas do terceiro ano do ensino fundamental em uma escola municipal de Porto Alegre. (p. 1)
Gênero/identidad e de gênero	Outra questão relevante que emergiu é que as crianças conseguiram visualizar, a partir da narrativa do clipe, o desejo de Pablo, que se interessava pelas roupas e maquiagens da mãe e tencionar a relação entre sexo e gênero, inclusive as fronteiras binárias de gênero. Diante disso, perguntei para elas e para eles quais brinquedos tinham em casa, nas suas roupas. Levantei alguns questionamentos até questionar se as crianças já nascem com isso. Rapidamente responderam que não! Foi assim que tentei explicar que não é natural que isso ou aquilo seja de menino, mas sim que é uma construção. (p. 3)
Educação Física Escolar	<p>Nessa primeira atividade, mesmo sendo mais lúdica, apareceram várias questões:</p> <p>Quando um menino ficou rebolando mais, os guris já gritam que era uma mulherzinha. São os insultos, as supostas brincadeiras colocando em marcha a vigilância da heteronormatividade (p. 3)</p> <p>Outra questão que me chamou atenção é que muitas meninas também ficaram sendo reprimidas quando rebolaram demais, um dos meninos me explicou, dizendo que parecia uma piranha dançando, e que a outra professora não as deixava dançarem funk. Interessante nisso foi ver que desde pequenas as meninas são sexualizadas, ao invés de reprimir os meninos, caso algum deles faça algo, são as meninas que já devem se controlar desde pequenas para não parecer uma piranha. No futuro, homens serão isentos de sus ações, mulheres culpabilizadas por ser abusadas. (p. 3)</p> <p>É grande na escola a infantilização das turmas dos anos iniciais, mas boa parte dessas crianças já estão sofrendo muitas violências, que nenhum desenho da Disney apaga isso. É preciso agir com responsabilidade, ciente das consequências. Diante de tudo isso que estava emergindo nas aulas, ampliei os debates sobre gênero. Em uma dessas conversas, muitas meninas relataram que não conseguem jogar bola no recreio, então elas começaram a pensar em coisas que elas achavam que não deviam fazer, mas que querem fazer, então uma aluna disse: “mas eu posso jogar bola no recreio!”, isso suscitou outras manifestações, como “eu posso brincar de vídeo game!” (p. 4)</p>
Considerações finais	Quando alunas, ainda na infância, precisam dizer que podem viver, enunciam também que há algo no social que as ameaçam, as afetam. Trata-se de uma menina, negra, moradora de um bairro localizado na periferia de Porto Alegre. Sabemos que diferentes marcadores de diferença, como gênero, raça, religião, idade – produzem experiências diversas, inclusive de quem pode ou não viver, o modo como essas pessoas podem e devem viver. Reconhecendo que na sociedade patriarcal branca, os delineamentos de gênero tornam vidas mais precárias que outras, cabe na escola tratar dessas questões. (p. 5)

	<p>Que nossas meninas possam perceber que elas podem dançar como quiser, sem serem objetificadas e sexualizadas desde pequenas. Que mulherzinha, viado, não sejam mais deboches, mas sim afirmações. Que as crianças se empoderem, se autoafirmem, como são e desejam ser em suas mais diversas formas de se enunciar no social. Que todas, todes e todos, enfim, possam viver! (p. 5)</p>
--	--